

“O Facebook tem assim um quadradinho e está ali um F” “ Representações de crianças de 4 e 5 anos sobre esta rede social

Rita Brito¹

Resumo

Pretende-se com este artigo analisar e descrever as representações de crianças com 4 e 5 anos no que concerne à utilização do Facebook, tendo sido entrevistadas 33 crianças para esse efeito. Através da análise dos dados verifica-se que a maioria das crianças conhece o Facebook, mencionando que é possível comunicar, jogar e ver fotografias na rede social. Para além destas representações, algumas referiram ainda que utilizam efetivamente o Facebook, principalmente para comunicar com familiares ou para jogar. De referir que as representações mencionadas pelas crianças se baseiam essencialmente na observação dos pais ao utilizar o Facebook. Após estas constatações, a escola poderia equacionar providenciar formação aos pais e crianças relacionada com as questões de segurança online, de modo a preparar ambos para uma utilização consciente da rede social.

Palavras-Chave: **Crianças, Facebook, Redes sociais, Representações.**

1. Introdução

As crianças pequenas nasceram na sociedade da informação e fazem parte desta, manuseando qualquer tipo de ferramenta eletrónica com melhor perícia do que os adultos. Elas sabem utilizar o computador (Cruz & Brito, 2012), os *tablets* ou *smartphones*, o que provavelmente irá resultar num número crescente de crianças com acesso à *Internet*, aumentando a exposição e riscos associados a esta utilização (Holloway, Green & Livingstone, 2013). A escola não se pode alhear desta realidade, pois a presença *online* no dia a dia das crianças é incontornável e cada vez maior.

Numa perspetiva de continuidade e aprofundamento do trabalho que temos vindo a desenvolver nesta área de estudo e com esta faixa etária, este trabalho pretende analisar e descrever as perceções de crianças com 4 e 5 anos sobre a rede social Facebook, nomeadamente perceber quais as suas perceções sobre o que se pode fazer no Facebook

¹ Professora doutora - Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação - Instituto de Educação - Universidade de Lisboa- Portugal

e se as crianças utilizam esta rede social. Para atingir estes objetivos, foram feitas entrevistas a 33 crianças de 4 e 5 anos, de 2 jardins de infância.

Além desta componente introdutória que permitirá fundamentar conceptual e metodologicamente este trabalho, apresenta-se de seguida um embasamento teórico, a metodologia utilizada, os participantes do estudo e os procedimentos de recolha de dados, bem como a apresentação e interpretação dos dados e por fim as reflexões finais.

2. Embasamento teórico

Nos últimos anos tem havido um aumento significativo na utilização da Internet por crianças pequenas (3-5 anos de idade). Os pais mais jovens (entre 25 e 45 anos de idade) sendo eles próprios utilizadores experientes de tecnologias, proporcionam aos seus filhos uma cada vez maior variedade de dispositivos com ligação à *Internet*. Para além disso, o facto das crianças terem um irmão mais velho influencia e proporciona que estas acessem à *Internet* numa idade mais precoce, nomeadamente a mundos virtuais e a redes sociais, como o *Facebook*, encorajando a sua exploração (Holloway, Green & Livingstone, 2013).

Presentemente, esta rede social é a mais popular com 750 milhões de visitas estimadas mensalmente (Blazer, 2012). De facto, a sociedade “fala” do Facebook e as crianças não são exceção, sendo curiosas e mostrando atração por este tipo de aplicações. Aliás, basta estarmos atentos às conversas e comentários entre elas para percebermos que o Facebook domina uma parte das mesmas, inclusivamente crianças com 4 e 5 anos já mencionam o Facebook nos seus diálogos com amigos. Num estudo realizado por Brito (2013), onde foram entrevistadas 50 crianças com 5 anos, verificou-se que 66% conhecia o Facebook, referindo que através deste é possível comunicar ou jogar jogos, revelando assim um padrão de elevada consistência no que se refere às representações da rede social por crianças desta idade. Em 2010, a AVG Digital Diaries indicou que 10% das crianças do Reino Unido, 11% de crianças espanholas, 6% alemãs, 22% italianas e 15% de crianças francesas com idades entre os 6 e os 9 anos utilizam o Facebook (Young Children, 2011, retirado de Holloway, Green & Livingstone, 2013). Um outro estudo realizado na Alemanha concluiu que 44% de crianças com menos de 13 anos utilizam redes sociais, sendo que a mais visitada era o Facebook, mais especificamente, 5% de crianças com 6 a 7 anos de idade utilizavam esta rede social em 2012. É esperado que estas percentagens cresçam nos próximos anos

(Medienpädagogischer Forschungsverbund Südwest 2012a, retirado de Holloway, Green & Livingstone, 2013), sinalizando a necessidade de investigar a capacidade das crianças em utilizar a *Internet* de forma segura e benéfica, bem como proporcionar formação a pais e familiares sobre questões de segurança *online*.

Investigadores corroboram com esta opinião, referindo a necessidade de fazerem-se mais estudos qualitativos relativos a esta temática, nomeadamente sobre os benefícios e riscos da utilização da *Internet* por crianças pequenas, dando principalmente voz às crianças, com o intuito de conseguir saber as suas opiniões sobre o porquê de querer utilizar as redes sociais e as suas experiências neste tipo de ambientes (Vandoninck, Haenens, Cock, Donoso, 2012; Holloway, Green & Livingstone, 2013), justificando assim a importância deste presente estudo.

3. Metodologia

3.1 Abordagem da investigação

Optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, do tipo exploratório, centrando-nos nas percepções das crianças relativamente à rede social Facebook. Conforme referem Bogdan e Biklen (1994), este tipo de abordagem é descritiva, pois os dados recolhidos apoiam-se em *palavras*, que assumem particular importância nesta abordagem metodológica, “abordando o mundo de forma minuciosa” (p.49).

3.2 Contexto e participantes

Este estudo foi realizado no ano letivo de 2013/2014, tendo sido escolhidas duas instituições da rede de ensino portuguesa, no âmbito da Educação Pré-Escolar: uma de cariz particular, localizada no concelho de Oeiras, e outra de cariz público, localizada no concelho de Sintra. O estudo envolveu a participação de 33 crianças, sendo que 19 pertenciam ao jardim de infância (JI) particular e 14 pertenciam ao JI público. As crianças tinham idades compreendidas entre os 4 (27%) e os 5 anos (73%), sendo 41% do sexo masculino e 59% do sexo feminino.

3.3 Procedimentos prévios à recolha de dados

Inicialmente foi pedida a autorização à direção de ambas as instituições para a permanência da investigadora nas salas escolhidas e para entrevistar as crianças, explicitando o objetivo das mesmas, tendo ambas acedido ao pedido.

Seguidamente foi elaborada uma carta para os encarregados de educação/pais das crianças de ambas as salas, informando do intuito da investigação e pedindo autorização para entrevistar os seus educandos, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos, nomeadamente a gravação (apenas) sonora das entrevistas.

3.4 Procedimentos de recolha de dados

Os procedimentos de recolha de dados obedeceram aos princípios enumerados por Bogdan e Biklen (1994), referindo que no caso de não conhecermos os sujeitos que iremos entrevistar devemos “quebrar o gelo inicial” (p. 135). Para tal, antes de iniciar as entrevistas em ambas as instituições, no dia anterior a investigadora dirigiu-se a estas com o intuito de passar um dia na companhia das crianças, de modo a conhecê-las e a que elas a conhecessem.

Apesar de existir um guião de entrevista como ponto de partida para a recolha de dados, partindo de questões genéricas como (1) conheces o Facebook?, (2) os pais usam o Facebook? e (3) o que se pode fazer no Facebook?, o tipo de entrevista utilizado caracterizou-se mais por ser uma entrevista do tipo não estruturado, de natureza mais exploratória, pois o objetivo do estudo centra-se em apresentar uma visão geral das opiniões das crianças relativamente à rede social Facebook. As questões colocadas não seguiram uma ordem rígida, basearam-se numa conversa sobre um tema, onde se pretendeu deixar as crianças à vontade para partilhar e trocar ideias com a investigadora. Segundo Mukherji e Albon (2010) neste tipo de entrevista há uma maior flexibilidade para buscar detalhe na resposta dada. Além disso, permite que o investigador adapte as perguntas às crianças, tendo em conta a sua idade, o seu nível de desenvolvimento e os seus conhecimentos.

No início das entrevistas as crianças foram também informadas do objetivo da mesma e que pretendia-se apenas saber a sua opinião, não existindo resposta certa ou errada. Mukherji e Albon (2010) sugerem que ao entrevistarmos crianças em idade pré-escolar temos de ter em atenção ao tema a explorar, de modo a que estas não se enfadem. Ao mesmo tempo, não devemos estender demasiado o tempo da entrevista e esta deve ser feita num local que lhes seja familiar. Durante o processo da entrevista as crianças conversaram com a investigadora com agrado, nunca apresentando agastamento, o que

revelou que este era um tema do seu interesse. As crianças foram entrevistadas nas suas instituições, durante o período da manhã, tendo a investigadora procurado sempre que as entrevistas não ultrapassassem os 15 minutos.

Todas as entrevistas foram gravadas (apenas som) e posteriormente transcritas.

Devido a questões éticas, foi atribuído um código numérico a todas as crianças, tendo-se utilizado a ordem alfabética dos seus nomes. Neste artigo o objetivo não foi o de analisar as respostas das crianças, tendo em conta a sua instituição, mas sim fazer uma análise global das respostas.

3.5 Procedimentos de análise e sistematização dos dados

De modo a analisar os dados obtidos optou-se por utilizar um sistema por categorização, pois pretendia-se classificar os elementos pertencentes a um conjunto e reagrupá-los segundo categorias, que reunissem um grupo de elementos sob um título, sendo esse agrupamento realizado com base nas características comuns a esses elementos (Bardin, 2011). Foram seguidas as indicações da autora para a categorização dos dados, iniciando-se pelo “inventário”, ou seja, isolamento de “unidades de significação”; posteriormente realizou-se a “classificação”, consistindo no reagrupamento das unidades anteriormente isoladas em categorias. No final deste processo foi possível obter as categorias, às quais daremos mais atenção no ponto seguinte.

4. Apresentação e interpretação dos resultados

4.1 Conheces o Facebook?

Da análise das respostas das crianças a esta verificou-se que 70% afirmou conhecer a rede social e 30% referiu não conhecer, aferindo-se que a maioria dos participantes tem conhecimento da existência do Facebook. Uma das crianças afirmou ter perfil pessoal no Facebook, no entanto não foi possível confirmar a veracidade da informação.

Nas questões seguintes serão analisadas as respostas de 70% das crianças (n=24) que afirmaram conhecer o Facebook, pois as restantes 30% não providenciaram dados para as questões que se seguem.

4.2 O que se pode fazer no Facebook?

Com esta questão pretendeu-se analisar e descrever quais as perceções das crianças relativamente ao que se podia fazer no Facebook. Foi possível agrupar as duas respostas em seis categorias, apresentadas no Quadro 1 com as respetivas percentagens.

Quadro 1: representações das crianças relativas às funcionalidades do Facebook (n=24)

Categorias	(%)
Comunicar	55%
Jogar	45%
Ver fotografias/imagens	36%
Ouvir música	17%
Ver filmes	17%
Escrever	17%
Imprimir	9%
Fazer compras	5%
Ver pessoas	5%

Nota: o somatório das percentagens é superior a 100% porque, quando questionadas sobre “o que se pode fazer no Facebook”, a maioria das crianças mencionou mais do que uma categoria.

Num total de 24 crianças, verifica-se que 55% é da opinião que através do Facebook é possível **comunicar**. Dando voz às crianças, estas referem que através da rede social “dá para falar com as pessoas”, pois “a minha mãe fala com as amigas dela e o meu pai fala com os amigos dele”, sendo que estes comunicam principalmente com familiares, nomeadamente “com o meu pai e com a minha tia” ou “com os meus avós, ou com os primos ou com os padrinhos.” Reconhecem também a possibilidade de falar com “as pessoas que estão longe” através de videochamada, pois falam “com os avós e com os padrinhos a ver.”

Uma outra opinião muito mencionada refere-se à utilização do Facebook para **jogar**, tendo sido referida por 45% dos participantes. Algumas crianças utilizam o Facebook para jogar, pois “[a mãe] põe jogos para eu jogar”, ou “(...) eu vou tentar jogar o meu jogo novo (...), está no iPad, mas só que é para jogar no Facebook”, enquanto outras mencionam apenas que “o Facebook dá para ver jogos”. No ponto 3.4 será explorado mais em pormenor que tipo de atividades as crianças fazem no Facebook.

Para 36% das crianças, no Facebook é possível visualizar **fotografias/imagens**, pois existe a possibilidade de “pôr lá fotos”, ou “ver fotografias”, sendo que “põem-se fotografias e depois carrega-se e vê-se, e quando tem mais algumas vemos assim para o lado” [arrastando o dedo indicador em cima da mesa, da direita para esquerda].

Além destas representações verifica-se que para 17% das crianças é possível **ouvir música** no Facebook, igualmente para 17% é possível **ver filmes ou vídeos**, e também

17% afirmaram que no Facebook pode-se **escrever**, nomeadamente “*para os colegas. O meu mano só escreve para os amigos*”.

Outra das funções do Facebook para as crianças, com 9% de respostas, é a **impressão**, mencionando que é possível “*imprimir coisas no Facebook*”, como “*desenhos e fotografias*.”

Por fim, 5% das crianças mencionam que é possível **fazer compras** na rede social, tendo apresentado o método de aquisição: “*Primeiro [a mãe] escreve num papel e depois no Facebook e depois a comida chega!*”.

Analisando o Quadro 1 e refletindo nas categorias apresentadas, verifica-se que as crianças têm a perceção de que as principais utilidades do Facebook são a comunicação, realizar jogos e ver fotografias ou imagens. As mesmas constatações foram evidenciadas num outro estudo semelhante (Brito, 2013), onde foi também questionado a crianças de 5 anos o que, na sua opinião, se poderia fazer no Facebook, tendo estas igualmente mencionado que se podia comunicar, jogar jogos ou ver vídeos, como categorias mais evidentes.

Outra constatação centra-se no facto da maioria das crianças mencionarem que, embora não utilizem diretamente a rede social, ou seja, não tenham perfil pessoal, observam os pais ou familiares a utilizar o Facebook e apercebem-se facilmente das suas características e potencialidades, conforme se pode constatar pelas categorias encontradas e por alguns testemunhos apresentados. Esta mesma constatação tinha já sido evidenciada num outro estudo (Cruz & Brito, 2012), onde se questionaram crianças de cinco anos sobre o que era para elas o computador, constatando-se que as suas representações baseavam-se nas experiências que tinham em casa ou com familiares, não obstante de utilizarem o computador no jardim de infância.

4.3 Os pais usam o Facebook? O que fazem?

Aprofundando um pouco mais a ligação entre a perceção das crianças da utilização do Facebook com a utilização dos pais, foi-lhes questionado se os seus pais utilizavam o Facebook e o que faziam nessa utilização. Através da categorização das respostas fornecidas por 15 crianças, foram elaboradas oito categorias (Quadro 2).

Quadro 2: representações das crianças relativas às atividades que os pais realizam no Facebook (n=15)

Categorias	(%)
Comunicar	73%
Ver fotografias	20%

Jogar	20%
Escrever	13%
Ouvir música	7%
Apenas ver	7%
Compras	7%

Nota: o somatório das percentagens é superior a 100% porque, quando questionadas sobre “os pais usam o Facebook? O que fazem?”, a maioria das crianças mencionou mais do que uma categoria.

Em consonância com a questão anterior, 73% das crianças mencionaram que os pais utilizam o Facebook para **comunicar**, novamente identificando o Facebook como uma ferramenta para comunicar com quem está longe.

Para além de comunicar, 20% referem que os pais utilizam esta rede social para **ver fotografias** e igualmente 20% mencionam que os pais ou familiares **jogam** no Facebook, nomeadamente “*o meu mano, a minha mãe e o meu pai jogam. A mãe joga o jogo dos cães.*”

Outra atividade realizada pelos pais no Facebook e vivenciada pelas crianças é a **escrita**, mencionada por 13%, onde estes “*escrevem algumas coisas.*”

Por fim, 7% das crianças mencionam ver os pais a **ouvir música** no Facebook, igualmente 7% refere que os pais fazem **compras** na rede social e outros 7% dizem que os pais **apenas veem** o Facebook, mais especificamente “*o meu pai e a minha mãe veem o Facebook ao jantar*”.

Constata-se que as perceções das crianças sobre o que pode fazer no Facebook, descritas no ponto anterior, são semelhantes às atividades que os pais realizam no Facebook, ou seja, o ambiente familiar é primordial no que diz respeito a experiências tecnológicas, tendo este mais influência nas perceções das crianças. A mesma constatação verificou-se igualmente no estudo já referido (Brito, 2013), em que algumas crianças mencionaram que não utilizavam a rede social, no entanto viam os pais a utilizar.

4.4 Usas o Facebook? O que fazes no Facebook?

Foi também intuito do estudo averiguar se algumas das crianças utilizavam efetivamente o Facebook e que tipo de atividades realizavam, sendo que da totalidade dos participantes do estudo que disseram conhecer o Facebook, 30% mencionaram utilizar a rede social para várias atividades, conforme se pode verificar no Quadro 3. Iremos apresentar de seguida os dados analisados referentes apenas às crianças que mencionaram utilizar o Facebook (n=10).

Questionámos então essas crianças sobre o que faziam na rede social e verificou-se que 70% realizam jogos, nomeadamente relacionados com personagens de banda desenhada, como o “*jogo da Mia e o da Barbie*”, ou o “*jogo da bela e do monstro e da ariel*”, jogos de peças como o “*dominó*” e o jogo tipo puzzle “*Angry birds*”.

Para além dos jogos, 30% utiliza o Facebook para comunicar com familiares, inclusivamente os que estão longe.

Por fim, 10% vê fotografias/imagens e outros 10% vê vídeos, como o “*Ruca, o Pocoyo ou os contos de Mia*”.

Quadro 3: Atividades realizadas pelas crianças no Facebook (n=10)

Categorias	(%)
Jogar	70%
Comunicar	30%
Ver fotografias/imagens	10%
Ver vídeos	10%

Nota: o somatório das percentagens não equivale a 100% porque, quando questionadas sobre “o que fazes no Facebook”, a maioria das crianças mencionou mais do que uma categoria.

Apesar do Facebook recomendar que apenas crianças com mais de 13 anos o utilizem, as crianças participantes do estudo, com idades entre os 4 e os 5 anos, também têm acesso à rede social através dos perfis dos pais ou familiares.

Relativamente ao jogo Angry Birds, após uma rápida pesquisa verificou-se que várias páginas na Internet caracterizavam este jogo como “jogo de destruição”, em que as indicações para jogar são “destrua os malvados porcos com o menor número de tiros”. Consultando a política de privacidade da empresa Rovio, criadora deste jogo, e embora não seja evidente uma idade mínima para o jogar, a empresa menciona recolher informação de todos os utilizadores, assumindo que o pode fazer inadvertidamente a crianças de 13 anos ou mais novas, e caso a empresa seja alertada para esta situação, eliminará das bases de dados o perfil do utilizador. Não obstante, estas crianças realizam este jogo, supostamente através dos perfis de pais ou familiares, e enquanto o fazem, informação está a ser recolhida, como o local e a hora de acesso, de modo a criar um perfil do utilizador e poder apresentar publicidade direcionada ao usuário, enquanto o jogo está a ser realizado.

5. Conclusões

O objetivo deste estudo foi analisar e descrever as perceções das crianças relativamente ao Facebook.

É curioso o facto de alguns pais, no início do estudo, terem mencionado que as crianças não iriam saber responder às questões, no entanto tal não se verificou, tendo as crianças revelado perceções corretas relativamente à rede social. Através da análise das suas respostas verificou-se que as crianças conhecem o Facebook e têm algumas ideias sobre as suas potencialidades, referindo que esta rede social pode ser utilizada para comunicar, jogar ou ver fotografias/imagens. Estas conceções parecem poder associar-se à observação que fazem da utilização desta rede social por parte dos pais e outros familiares.

Ficou claro que as crianças percebem o Facebook como uma forma de comunicar com familiares e principalmente manter contacto com familiares que estão longe, tendo inclusivamente algumas crianças indicado que costumam comunicar com o Pai através do Facebook, estando este noutro país a trabalhar. Ou seja, a rede social torna-se uma ferramenta importante para as famílias no que diz respeito ao contacto entre estes.

No que concerne aos jogos, o jogo Angry Birds foi mencionado por algumas das crianças. Conforme já referido, enquanto as crianças utilizam o Facebook, e inclusivamente o jogo Angry Birds ou outros, a rede social apercebe-se do comportamento do utilizador com o intuito de conseguir construir um perfil o mais detalhado possível, de modo a poder ser mais valioso do ponto de vista de vendas a campanhas de marketing e publicidade. A questão centra-se no tipo de publicidade que será apresentada, se não será excessiva e desadequada para as crianças, tendo em conta a sua idade. Convém salientar que este modelo de negócio publicitário existe precisamente porque o jogo é gratuito, caso contrário, é possível optar-se por versões pagas dos jogos que não apresentam publicidade.

Contudo, há possibilidade de minimizar os dados que podem ser recolhidos por estas empresas, como por exemplo a configuração dos aparelhos de modo a não partilhar a sua geolocalização, ou idealmente não ter o aparelho ligado à Internet enquanto se joga, pois assim não é possível receber publicidade e enquanto a aplicação está a decorrer não envia dados referentes aos hábitos de utilização da aplicação, como por exemplo a que horas o jogo está a ser realizado e durante quanto tempo o utilizador joga.

De modo a esclarecer os pais e até as próprias crianças, a formação talvez fosse pertinente sobre este tipo de questões de política de privacidade online. Concordando com Palfrey, Sacco e Boyd (2008), os investigadores estão a começar a concluir que os utilizadores regulares das redes sociais, independentemente das suas idades, necessitam

de formação sobre a utilização das Internet e os seus potenciais riscos. Os pais querem orientação e confiança, pois sentem-se inseguros nesta era digital, e pretendem informação de modo a tomarem decisões ponderadas relativamente à utilização das tecnologias pelos seus filhos (Boyd, Hargittai, Schultz, Palfrey, 2011). A formação pode ser um meio importante para clarificar as dúvidas dos pais. Por outro lado, visto a influência da família ser relevante na utilização das tecnologias pelas crianças, é necessário providenciar formação a crianças, pais/encarregados de educação de modo a poder apoiá-los na educação a nível de segurança online, e ajudá-los na mediação eficaz da utilização da Internet pelos seus filhos.

Como estudo futuro, e pegando um pouco nas pré concepções dos pais sobre o “conhecimento” dos seus filhos, seria agora interessante entrevistar os pais, questionando-os sobre o que estes consideram que os seus filhos sabem sobre o Facebook e comparar resposta de pai com filho, visto que os pais são da opinião que os filhos não sabem nem conhecem a rede social. No entanto, como vimos, a maioria das crianças já tem ideias muito precisas sobre o tipo de atividades que podem ser realizadas no Facebook e um número significativo de crianças deu provas que já faz uma utilização de algumas das ferramentas disponibilizadas nesta rede, destacando-se nomeadamente a comunicação e os jogos.

6. Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Blazer, C. (2012). Social networking in schools: benefits and risks; review of the research; policy considerations; and current practices. *Information capsule*, Vol.1109, 1-23.
- Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boyd, D., Hargittai, E., Schultz, J. Palfrey, J. (2011). Why parents help their children lie to Facebook about age: Unintended consequences of the ‘Children’s Online Protection Act’. *First Monday*, Vol.16, Nº11
- Brito, R. (2013). Concepções de crianças em idade pré-escolar sobre o Facebook. Comunicação apresentada no *Simpósio Internacional de Informática Educativa*, 2013, p.191-195.
- Cruz, E. & Brito, R. (2012). Quando o computador trabalha pensa-se com a cabeça?: representações de crianças em idade pré-escolar. Comunicação apresentada no *ticEDUCA*, 2012, p.1850-1865.
- Holloway, D., Green, L. and Livingstone, S. (2013). *Zero to eight. Young children and their* Revista Tecnologias na Educação – Ano 6 - número 11 – Dezembro 2014 - <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>

internet use. LSE, London: EU Kids Online.

Mukherji, P., Albon, D. (2010). *Research Methods in Early Childhood, An Introductory Guide*. London: Metropolitan University.

Palfrey, J., Sacco, D. T., & Boyd, D. (2008). *Enhancing child safety & online technologies: Final report of the Internet Safety Technical Task Force*. The Berkman Center for Internet & Society, Boston.

Vandoninck, S., Haenens, L. Cock, R., Donoso, V. (2012). Social networking sites and contact risks among Flemish youth. *Childhood*, 19(1) 69-85.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a ambas as instituições que consideraram o tema interessante, de modo a permitir a minha presença por vários dias nas mesmas; agradeço a ambas as Educadoras de Infância, por toda a colaboração e disponibilidade; aos pais das crianças, por terem considerado o tema pertinente e por isso consentirem as entrevistas aos filhos; por último, um agradecimento muito especial a todas as crianças que tão alegremente partilharam as suas opiniões e vivências comigo, autora do trabalho.

Recebido em outubro 2014
Aprovado em novembro 2014